


O RELATO DE INFÂNCIA EM UM HOMEM SEM PROFISSÃO

Gabriel Moreira Faulhaber*

 <https://orcid.org/0000-0002-7779-1256>

Como citar este artigo: FAULHABER, G. M. O relato de infância em *Um homem sem profissão*. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 1-14, set./dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETTL16576>

Submissão: 20 de outubro de 2023. **Aceite:** 17 de junho de 2024.

Resumo: Este trabalho pretende analisar o modo como Oswald de Andrade explora o chamado relato de infância no livro *Um homem sem profissão. Memórias e confissões. Sob as ordens de mamãe*, publicado em 1954. Entendemos que o autor faz uso desse aspecto específico da escrita memorialística para revisitar os temas presentes em seus escritos ensaísticos. Inicialmente, fazemos uma apresentação global do livro de memórias para posteriormente apontarmos a função e o funcionamento do relato de infância escrito pelo autor. Em nosso auxílio, movimentamos nomes como Philippe Lejeune (1986), Antonio Candido (2002) e Jovita Noronha (2003).

Palavras-chave: Memórias. Relato de infância. Antropofagia. Oswald de Andrade. Escrita memorialística.

* Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: gabrielfaulhaber2719@gmail.com

SITUANDO UM HOMEM SEM PROFISSÃO

■ **A**bordar *Um homem sem profissão* de maneira crítica passa diretamente pela compreensão de sua singularidade e do modo como o texto se estrutura. Trata-se do primeiro volume de um projeto que contaria com outras três publicações – cada uma delas abordando uma parte da vida/trajetória de seu autor, Oswald de Andrade. A saber: *O salão e a selva*, com foco no movimento modernista, a Semana de Arte Moderna e a antropofagia; *O salão das catacumbas*, englobando os anos 1930 e início de 1940, durante suas experiências políticas; e, por fim, *Para lá do trapézio sem rede*, que tinha em vista a fase de sua vida a partir do encontro com Maria Antonieta d’Alkmin, sua última esposa. Temos, portanto, um empreendimento interrompido, sobre o qual não se pode especular acerca dos rumos. Nesse primeiro e único volume tornado público, que abarca o período de 1890 (nascimento do autor) a 1919, Oswald de Andrade narra a história de sua infância, adolescência e início de vida adulta. Dentre essas lembranças, surgem a relação com os pais, o ambiente religioso da família, seus primeiros contatos com a escola, a literatura e o folclore, além de sua viagem à Europa, confessando um deslumbre que nutria pelo continente. Passam pelo texto sua iniciação sexual, suas paixões, seus amores e o nascimento de seu primeiro filho. A São Paulo daquele tempo e as figuras que por ela transitavam também aparecem em suas lembranças. Mais próximo do fim da narrativa, personagens que marcariam o Modernismo brasileiro, como Mário de Andrade, Anita Malfatti e Di Cavalcanti, já estão em suas relações artísticas e pessoais.

A particularidade que caracteriza a obra tem a ver com a subversão do que seria a dicção e o modelo mais tradicional da escrita memorialística. Nesse sentido, na leitura de Antonio Candido (2002), existe uma espécie de dualidade do escritor em face de suas memórias. Em um primeiro momento, quando o autor mergulha no passado, indo ao encontro do nascedouro de suas emoções, é possível perceber um trabalho atento da inteligência, organizando os dados da memória num sistema evocativo mais inteiriço. Ao passar do tempo de narração, com Oswald nos apresentando seu ingresso na idade adulta, o material evocado corresponde a uma fase de personalidade já constituída, a elaboração sistemática cede lugar à notação. Partindo dessa avaliação, é possível perceber que uma quantidade considerável do total de páginas é dedicada ao período que cobre sua infância e primeira adolescência. A partir do momento em que a narrativa passa a acompanhar seu processo de amadurecimento, já em seus contatos com círculos literários, temos uma diminuição do tempo em anos e um aumento nas páginas dedicadas a meses e dias específicos.

Sob esse aspecto, Maciel e Teixeira (2013) reiteram que o autor interpola em sua narrativa segmentos longos e curtos, de modo que os dedicados a questões mais subjetivas, como os que se relacionam com a família e a própria infância, se fazem mais longos, enquanto aqueles que abordam o início da fase adulta se mostram mais sintéticos.

Outro fator que merece destaque é a inserção de Miramar em sua lembrança. Ocorre um processo de identificação entre Oswald – autor-narrador-personagem das memórias – e Miramar, personagem de seu romance *Memórias sentimentais de João Miramar*. “Meu nome é Miramar”, diz-nos Oswald de Andrade

(2002, p. 164) a certa altura da rememoração. Assim, Miramar e Oswald se alternam, gerando uma flutuação e colocando em xeque o estatuto contratual estabelecido pelo pacto autobiográfico. Vale lembrar que Lejeune (2008) apresenta seu conceito como uma espécie de proposta do autor, um discurso dirigido ao leitor, visando estabelecer um contrato de leitura. Esse contrato é baseado, acima de tudo, na afirmação da identificação entre autor, narrador e personagem. Essa identificação é feita mediante o uso do nome próprio, ao qual remetem as mencionadas instâncias. É a assinatura do autor, o seu nome, nome presente na capa, que sustenta o pacto autobiográfico; sem ela, o contrato se desfaz.

Em *Um homem sem profissão*, o pacto é estabelecido logo na primeira parte, quando Oswald de Andrade (2002, p. 63, grifo nosso) com peculiar ironia expõe parte do ambiente religioso no qual foi criado:

*Agora na Rua de Santo Antônio, mudara-se o centro hagiológico das preocupações de casa, tendo-se concentrado na Igreja da Consolação todas as nossas intimidades como céu. Ai, fiz cedo uma brilhante carreira, tendo chegado a ser, na hierarquia das festas do Divino, Capitão do Mastro e, enfim, Imperador. Tudo aquilo se realizava por sorteio, naturalmente inspirado pelo próprio Espírito Santo. Liam-se, em meio da novena, os nomes e os encargos. Era um atordoamento de incenso, de campainhas sacras e de baladas de sino na torre quando saía a indicação do Imperador. Pois uma vez leram meu nome todo – **José Oswald de Andrade** – e a voz grossa e tonitruante do vigário da Consolação, que se chamava Cônego Eugênio Dias Leite, berrou: – Imperador do Divino!*

Como vemos, nosso autor estabelece o pacto autobiográfico e o perturba, afirmando outro processo de identificação, dessa vez com um de seus personagens. Trabalhando nesse jogo de espelhos, Oswald assegura uma singularidade ainda maior à existente em sua obra. As investidas formais se estendem, atingindo o texto como um todo e desestabilizando sua recepção. O que encontramos é um texto ambíguo, atravessado pelo pacto. Fato que incide diretamente sobre sua leitura. Estamos diante de uma situação que é da ordem da montagem e da colagem. Oswald faz uma reelaboração da própria imagem mostrando que existe uma fusão entre si e seu personagem. Assim, temos um procedimento que se assemelha ao que nos anos de 1970 viria a se chamar de autoficção. Trata-se de conceito polêmico, que se desdobra em diversas discussões, não havendo um consenso entre críticos e praticantes desse modelo de escrita¹. Procurando nos basear em leituras acerca do tema, em especial os teóricos Philippe Villain e Serge Doubrovsky – criador do termo –, surge um ponto em comum: a primazia do texto sobre o fato, não significando uma pura entrega à fantasia ficcional, mas uma elaboração narrativa de si (Noronha, 2010).

A conversão de Oswald em Miramar caminha junto com a aplicação de uma diferente técnica já mencionada por nós: o que era no princípio comandado por uma sucessão de imagens que se relacionam de maneira cronológica converte-se em uma escritura repleta de saltos e com ritmos diferenciados; o que anteriormente se apresentava de maneira fluida passa a ser entrecortado. Os limites entre ficção e o que seria a realidade vivenciada se convertem em um texto indiscernível, dialogando com o memorialismo sacralizado sem a ele ser subserviente. A exemplo,

1 Trata-se de um debate bem extenso e que motiva reflexões até os dias de hoje. Não é exatamente nossa questão neste trabalho.

citamos uma passagem. Ao nos trazer uma de suas participações em convenções como estudante de direito, Oswald de Andrade (2002, p. 83) relata:

Miramar, de rabona, fala. Está quase comovido. Quase treme. Precipita, engole, joga períodos. Estaca. Terminou. Tijucópolis hesita. Aristides hesita. Mas Miramar sentou-se. Então despenca sobre ele a mais entoada da salvas de palmas.

Percebemos juntamente do trabalho com a disposição dos elementos frásicos, criando um cinematismo típico da poética Pau-Brasil, a mudança de voz na narrativa, de um narrador autodiegético para um heterodiegético, usando a terminologia de Gérard Genette (1995).

O que encontramos no texto é a desobediência de uma ordem, de uma norma, potencializando sua inventividade: “Somos solidários a todos os movimentos anticodificação” (Andrade, 1990, p. 54). Ocorre uma justaposição de repertórios promovendo uma contaminação geral entre eles. Assim, como na antropofagia, temos uma relação aberta e ativa entre essas diferenças, gerando uma atmosfera de encontros e processos, da qual, justamente por conta dessa vizinhança paradoxal, feita de acordos não resolvidos e não remetidos a uma totalidade, surge a força dessa escrita.

Tudo isso nos dá a dimensão do projeto estético de Oswald de Andrade. De uma maneira estrategicamente bem elaborada, Oswald nos traz um livro de memórias que destoa dos formatos mais tradicionais, marcados por um modelo de escrita que se caracteriza como um depósito de lembranças de um passado acabado, com o aparente objetivo de dar conta, via texto, de toda uma história de vida. Desse modo, seu caráter inteiriço, que visa a uma apreensão do todo, é desmoronado, representando uma ruptura do modelo, apontando para além de uma moldura fixa e estável. O que observamos é o resultado de um gesto que faz emergir determinados índices submersos que contribuem para a desautomatização da recepção, convidando o leitor para uma travessia por suas nuances. Assim, imprecisão, indefinição e inacabamento dão o tom, produzindo um efeito particular: o texto de Oswald se abre para transitarmos por uma intensa troca de papéis que envolve os diversos âmbitos de sua escrita.

Fizemos este preâmbulo para situar a obra que pretendemos abordar ao apresentar a ideia de relato de infância. Não há aqui, de modo algum, o intuito de esmiuçá-la. O objetivo é termos uma noção geral da organização do texto de Oswald de Andrade para que possamos melhor compreender o modo como o autor trabalha essa questão na composição de suas memórias.

O RELATO DE INFÂNCIA EM *UM HOMEM SEM PROFISSÃO*

O relato de infância se configura como um dos principais procedimentos a que os memorialistas recorrem na busca por estabelecer uma origem particular ou evidenciar a singularidade de sua personalidade. Apresentando-se atualmente como um gênero autônomo, constituía inicialmente a primeira etapa de um empreendimento memorialístico, sendo parte essencial de todo texto que tenha tal pretensão. Nesse sentido, Lejeune (1986) aponta um grande problema comumente enfrentado pelos praticantes das escritas de si: por onde começar o relato? Uma dupla resposta atende a esse questionamento: há aqueles que partem das lembranças mais longínquas e aqueles que optam por se inserir em um

contexto que os antecede e que a ele dão continuidade ou não por meio da evocação das figuras parentais.

Um bom exemplo dessa escolha está em Rousseau nas suas *Confissões* – consideradas por Lejeune paradigma da autobiografia moderna. O autor de *O contrato social* começa sua narrativa com uma espécie de romance de seus pais, retratando uma vida plena de felicidades, que seu nascimento veio interromper, uma vez que a morte de sua mãe se dá em consequência do parto: “Cus-tei a vida de minha mãe, e meu nascimento foi o primeiro de meus infortúnios”² – escreve-nos Rousseau (1972, p. 8, tradução nossa), atribuindo a tal fatalidade o sentimento de culpa que carrega ao longo de sua vida.

Outro exemplo está em Sartre (1964, p. 16, tradução nossa) que, de maneira semelhante, inicia seu *As palavras* pela origem de seus familiares, com o objetivo de chegar ao centro da narrativa, ele próprio:

*Jean-Baptiste [seu pai] quis ingressar na Escola Naval, para ver o mar. Em 1904, em Cherbourg, oficial de Marinha e já roído pelas febres da Cochinchina, conheceu Anne-Marie Schweitzer, apoderou-se daquela mocetona desamparada, desposou-a, fez-lhe um filho a galope, eu, e tentou refugiar-se na morte*³.

O que encontramos é um procedimento clássico das escritas de si: o encadeamento de gerações, com a inserção de um “eu” em um contexto narrativo anterior a que esse “eu” dará continuidade, de modo que, “ao construir sua narrativa individual, o eu desvenda, reinterpreta, questiona e até contraria a narrativa anterior, assumindo uma posição de continuidade ou de recusa em relação a ela” (Noronha, 2003, p. 55).

Ambas as formas estão presentes em *Um homem sem profissão*; no entanto, observe-se o que inicia de fato a rememoração:

A mais longínqua lembrança que tenho de vida pessoal, destacada do cálido forro materno que me envolveu até os vinte anos, foi de caráter físico sexual, evidentemente precoce. Está ela ligada à casa em que morávamos na Rua Barão de Itapetininga, de jardinzinho ao lado. Sentando-me à porta da entrada e apertando as pernas, senti um prazer estranho que vinha das virilhas. Que idade teria? Três ou quatro anos no máximo.

Acontecem terem as crianças ereção no primeiro mês de vida e iniciarem um inútil período de masturbação, enquanto homens de quarenta anos e menos perdem estupidamente a potência para viver dezenas de anos como cadáveres. Obra de Deus – querem os padres e as comadres. O limite, o tabu dos primitivos. A adversidade metafísica. O malefício eterno e presente que todas as religiões procuram totemizar.

Assim, cedo mergulhava eu nesse maravilhoso universo da bronha onde permaneci virgem até quase a maioridade (Andrade, 2002, p. 36-37, grifo nosso).

Oswald nos apresenta uma lembrança de caráter físico para dar impulso à sua rememoração. O autor inscreve-se no perfil comum de uma criança em sua relação com a descoberta dos prazeres da masturbação. Apesar disso, já temos

2 “Je coûtai la vie à ma mère, et ma naissance fut le premier de mes malheurs.”

3 “Jean Baptiste voulut préparer Navale, pour voir la mer. En 1904, à Cherbourg, officier de marine et déjà rongé par les fièvres de Cochinchine, il fit la connaissance d’Anne-Marie Schweitzer, s’empara de cette grande fille délaissée, l’épousa, lui fit un enfant au galop, moi, et tenta de se réfugier dans la mort.”

assinalado aquilo que vai ser uma constante em sua narrativa: a relação direta com a temática presente em seus escritos ensaísticos. Ele parte de um apontamento aparentemente simples para traçar as bases da construção de um pensamento: o grande e alegre esforço para a libertação do tabu e sua consequente transformação em totem. “Em vez de consagrar as forças estranhas e superiores, convertendo-as em tabu, devemos totemizá-las tudo aquilo que é considerado tabu” (Schwartz, 2011, p. 255) trazendo-o à luz por meio de um desafojo direto em uma sociedade liberada em que não existam a “histeria, as neuroses e as moléstias católicas” (Andrade, 1990, p. 51). Oswald prossegue:

Fora dessa sensação, minha vida de criança seguia o trem da existência familiar. Soube cedo que era filho único, que perdera um irmãozinho que não me lembro de ter conhecido. Que meus pais, particularmente mamãe, rezavam muito a Deus e faziam promessas aos santos de sua devoção. [...] Disso eu me lembro – novenas, missas solenidades católicas. Cedo me atiraram ao ritmo cantado das ladainhas e ao incenso das naves. Fui criado evidentemente para uma vida terrena que era simples trânsito, devendo, logo que Deus quisesse, incorporar-me às suas teorias de anjos ou às suas coortes de santos. Os brinquedos de sexo em nada atrapalhavam meu grave destino. [...] Tinha medo de ser surpreendido e sofrer repressão. Mas, de fato, não acreditava no pecado. De seus exorcismos, supersticiosamente, guardava apenas o rito. E era muito. Confessava? Sim. Como os outros. Cheguei já homem a comungar para obter notas para certos colegas obtusos ou malandros da Faculdade de Direito. Simples comércio com o mito que meu invencível sentimento órfico cultivava (Andrade, 2002, p. 39, grifo nosso).

Longe de procurar encontrar na criança a explicação do homem, o interesse desse tipo de narrativa – como das escritas de si em sua maioria – consiste em captar o modo como cada autor constrói seu mito pessoal. Nesse sentido, “se há alguma ‘verdade’ nos relatos de infância, esta não se encontra nos acontecimentos evocados e em suas consequências, mas, inversamente, na recomposição desses acontecimentos à luz do presente do sujeito que escreve” (Noronha, 2012, p. 50). Ou seja, o que temos não se trata de uma simples evocação nostálgica do passado, mas de uma leitura de dados empíricos da infância que são transfigurados a partir do projeto do escritor. São as necessidades do presente que dão significado àquilo que se evoca. No caso, é o Oswald dos anos 1950 quem vai dar contornos e tintas a essa rememoração. O autor faz de passagens de suas memórias um componente de sua constante (re)elaboração da antropofagia – em especial a ideia de “sentimento órfico”, que aparece na citação acima. Assim, Oswald trabalha sua infância como um *locus* de sedimentação daquilo que considera uma constante humana, um instinto impossível de se descolar do homem do qual nenhuma sociedade escapa.

A quantidade e a qualidade do órfico católico que me ofereceram foram fracas e sobretudo mal escudadas pela apologética cristã e sua absurda e hipócrita moral. Desde cedo, me entrou pelos olhos a incapacidade de transformação do homem pelo cristianismo ou de sua ação regeneradora. O número de rezadores pecaminosos e padres sujos era demasiado para poder iludir mesmo minha desprevenida adolescência. Aliás, os sacrifícios exigidos por mamãe, a abstinência da carne, terços inteiros rezados de joelho, guardas chatíssimas do

Santíssimo, tudo acrescentava à antipatia por aquele culto cheio de sermões horrorosos, missas maçantes e confissões paliativas (Andrade, 2002, p. 86).

Além da explícita crítica à Igreja como instituição, Oswald parece demonstrar a especificidade de seu “sentimento órfico”, pois, mesmo imerso em um ambiente marcado pelo catolicismo, sua vontade de crer destoa daquela praticada por sua família. O que atravessa seu texto tem a ver com a imanência do perigo, um sentimento que tem ligação direta com uma concepção trágica da vida, como vemos em “Ainda o matriarcado”: “o homem flutua e flutuará, sempre enquanto for homem, nas dobras da dúvida, no mistério da fé e no imperativo da descrença, no abismo órfico que o acompanha do berço ao túmulo” (Andrade, 2011c, p. 309). É uma dimensão que o homem da cultura antropofágica assume para si ao afirmar dionisiacamente a vida transformando todos os tabus em totens. Oswald faz uso de parte de sua rememoração na tentativa de dar forma a um conceito, que atravessa outros de seus textos. Talvez a passagem que melhor nos dê a dimensão dessa busca por uma formulação seja a que relata o momento em que recebe a notícia da morte de sua mãe.

Estava eu, de novo, diante do velho oratório doméstico, com suas fulgurações de prata e cabelos dum Cristo de paixão, entre imagens de santos de todos os tamanhos. E sentia, desta vez, que aquela era uma célula de paixão vazia de significação e muito pouco digna de respeito. Por trás do oratório não existia mais nada. A parede, em vez do céu prometido. Nenhuma ligação metafísica unia aquelas figurações baratas a um império supraterrâneo. Nada, nada, nada. Não tinha chegado eu às convicções que hoje mantenho, como conquista espiritual da Antropofagia, de que Deus existe como adversário do homem, ideia que encontrei formulada em dois escritores que considero ambos teólogos – Kirkegaard e Proudhon. São dois estudiosos da adversidade metafísica que se avizinham da formulação do conceito primitivo sobre Deus, que é afinal o tabu, o limite, o contra, que as religiões todas tentam aplacar com seus ritos e sacrifícios (Andrade, 2002, p. 119, grifo nosso).

Chegamos talvez ao cerne dessa procura por uma formulação: a relação direta entre seu sentimento órfico e a antropofagia. Quando vemos em “A crise da filosofia messiânica” a afirmação: “[...] a vida é devoração pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu. Que é o tabu senão o intocável, o limite?” (Andrade, 2011a, p. 139), nossa compreensão da força de tal relação fica mais clara. A leitura do próprio sentimento órfico que Oswald tenta elaborar nada tem a ver com uma metafísica salvacionista de um socorro supraterrâneo e toda sua concepção de mundo eterno ante a inevitabilidade da morte, pautada em uma lógica messiânica da recompensa e do castigo. É o que encontramos em “A marcha das utopias”:

Não se encontra, já disse, nem um aglomerado primitivo, nem um povo civilizado destituído de religião. Isso, está claro, não vem provar nada a favor deste ou daquele culto. O que persiste no fundo é o sentimento de sagrado que se oculta no homem, preso ao instinto da vida e ao medo da morte (Andrade, 2011b, p. 255).

É a recusa de que a ideia é superior aos sentidos, a assunção de que a vida é devoração pura, o “sim” diante dos perigos dela derivados e a consciência da

mortalidade que compõem seu sentimento órfico oswaldiano. O que temos é um reencontro com “nossa eterna irracionalidade” (Andrade, 2011b, p. 254), um difuso sentimento que “não implica mais nenhuma separação, nenhuma sacralização” (Sterzi, 2011, p. 447). Tudo isso corresponde à volta da filosofia ao medo ancestral da finitude.

Para além do já citado caráter trágico, podemos chegar – contando também com “A crise da filosofia messiânica” – a uma conclusão de que se trata de uma consciência lúdica, distante de qualquer marca de negação da vida e em prol de todo fazer artístico inovador que exercite o direito da possibilidade.

O homem, um animal fideísta, animal que crê e obedece, chegou ao termo de seu estado de Negatividade. [...] O homem é o animal que vive entre dois grandes brinquedos – o Amor onde ganha, a Morte onde perde. Por isso inventou as artes plásticas, a poesia a dança, a música, e teatro, o circo e, enfim, o cinema. [...] A arte livre, brinco e problema emotivo, ressurgirá sempre porque sua última motivação reside nos arcanos da alma lúdica (Andrade, 2011a, p. 201-202).

Para termos uma melhor ideia de como o texto de *Um homem sem profissão* atua em complementaridade com outros escritos ensaísticos, trazemos duas passagens que datam do mesmo ano – 1954. A primeira consta em um ensaio intitulado “Do órfico e mais cogitações”. Nele, Oswald de Andrade (1992, p. 289) nos diz:

[...] sendo a religião uma dimensão do homem, uma constante absoluta de sua alma, ela toma, levadas por circunstâncias, esta ou aquela direção. Hoje, por exemplo, com a derrocada de certos cultos oficiais, a necessidade de cultuar alguma coisa transferiu-se. Passaram a ser fenômenos religiosos o futebol, o festival de cinema, Endeusados são Malenkov e Mao Tse-tung como fizeram Lênin e Stálin, Mussolini e Hitler. Deuses são os pretões do pé de ouro que substituíram os sábios e os santos nas páginas dos jornais e das revistas, Deuses são Greta Garbo, Joan Crawford, Carlito.

Por sua vez, em suas memórias, a explanação acerca do citado conceito aparece da seguinte maneira:

Penso que é uma dimensão do homem. Que dele ninguém foge e que não se conhece tribo indígena ou povo civilizado que não pague este tributo ao mundo subterrâneo em que o homem mergulha. A religião existe como sentimento inato que através do tempo e do local toma essa ou aquela orientação, este ou aquele compromisso ideológico e confessional, podendo também não assumir nenhum e transferir-se numa operação freudiana. O Positivismo fez disso uma experiência definitiva. Augusto Comte, com todo o rigor materialista e matemático de suas convicções, acabou místico e metafísico como qualquer Papa. Em vez de sacrificar à Nossa Senhora de Lourdes, sacrificou à Clotilde de Vaux. A esse instinto, que é impossível deslocar do homem, chamo, como já disse, de sentimento órfico. Hoje a política, a cena, o esporte, também criam divinizações e mitos. Vide Lênin, Mussolini, Hitler, Stalin, os futebolistas, as estrelas. Apenas, os homens querem ver de perto seus deuses (Andrade, 2002, p. 85-86).

Um terceiro excerto, esse presente em “A crise da filosofia messiânica”, pode ser trazido de modo a evidenciar o trabalho e a insistência de Oswald de Andrade (2011a, p. 227-228) ao se debruçar sobre o tema:

Hoje, em larga escala, esse sentimento se transfere para a religiosidade política (Hitler, Mussolini, Stálin) ou para a filosofia do recorde nos esportes, como na moda ou na iconografia cênica (Carlitos, Leônidas, os costureiros). Cansamo-nos de adorar e temer o que se escondia atrás das nuvens. O Para-raios liquidou com Júpiter. Hoje os homens querem ver os deuses de perto.

A semelhança é clara. Trata-se de escritos produzidos em uma mesma época. No entanto, por mais que se interseccionem, cada um deles foi direcionado a uma produção específica. O que Oswald faz é trabalhar um conceito como um todo, difundindo-o por diversos textos, ao mesmo tempo que traça sua relação específica com ele.

Paralelamente a esse trabalho de forjar um conceito via seu relato de infância, temos o procedimento da inserção de um “eu” em um encadeamento de gerações, em uma linhagem familiar. Para isso, Oswald de Andrade (2002, p. 54-56, grifo nosso) narra a suposta origem nobre de sua família:

Minha mãe, atacada de asma, permaneceu anos deitada a um sofá de palhinha, entre almofadas, na sala de jantar, coração de casa. Dali ela dirigia os serviços simples da vida, me esperava e a Seu Andrade, e rezava pedindo a Deus impassível a solução feliz dos negócios.

Falava sempre da família e assim viera a saber que éramos descendentes dos “Fidalgos de Magazão”. Lenda ou fato? Não importa. Há entre ambos a diferença que vai da verdade à realidade. A história da nossa ascendência vinda dos “Fidalgos de Magazão” ficou no fundamento de nossa secreta luta de bravura e estoicismo. A verdade é sempre a realidade interpretada, acompanhada a um fim construtivo e pedagógico, é a gestlat que suprime a dispersão do detalhe e a inutilidade do efêmero [...]. Daí viria a origem amazonense de nossa família. Seria ela uma das poucas que, depois de suportar as guerras africanas, atravessaram incólumes as pragas da dádiva real, na beira de um rio sem cabeceiras. Isso nos fins do século XVIII [...]. Isso era o que contava a voz vinda do sofá de palhinha. Realidade? Lenda? Meu primo Paulo Inglês de Souza, que sempre confirmara a nossa origem nobre, dizendo que pertencíamos a uma dessas famílias a quem Dom José “dera o Amazonas” em paga do devotamento guerreiro às armas de Portugal em África, agora tem-se mostrado hesitante nas suas pesquisas genealógicas, não encontrando ligação direta de nossa gente com o grupo de exilados. Parece que não há nosso nome entre os párias do século XVIII. Talvez tenha havido uma ascendência feminina. Seja ou não, foi esse o suporte moral que nos legou a tradição avoenga.

A vocação de fidelidade e de heroísmo vinha do sofá e da voz. A casa era silente e calma porque não tinha crianças. Nisso talvez se fundamente minha contínua vontade de viver afastado de tudo, apesar dos inúmeros raids que fui e sou obrigado a realizar nas minhas lutas infindas.

Mais uma vez, acompanhamos a intromissão do ensaísta na rememoração. Sabemos que, a essa altura – quando trabalha em *Um homem sem profissão* –, Oswald já havia abandonado as máscaras do poeta-romancista, líder de vanguarda e militante marxista, assumindo uma postura de um pensador-ensaísta, que se dedica a assuntos que visam tanto à retomada e à reavaliação da antropofagia como ao seu trajeto intelectual. Nesse sentido, Oswald recorre à imagem mítica – que ele diz partir de sua mãe – para a afirmação de um perfil singular, que, ao seu modo, dá continuidade a uma linhagem. Temos aí a construção e a

transmissão de um mito pessoal: Oswald, um homem das lutas várias, que carrega no sangue essa marca. Nosso autor ainda reflete sobre os conceitos de verdade e realidade que sempre surgem quando se movimenta esse tipo de narrativa ao nos deixar claro de que não se trata de verificar a veracidade desses fatos, mas de uma finalidade que deles pode ser extraída, importando mais a seleção de valores do que a investigação daquilo que seria a realidade. Nesse sentido, o presente surge como tempo decisivo em que se colocam em contato passado e futuro. Assim, temos a desimportância da diferença entre lenda e fato, “pois da mistura entre tempo real e tempo ficcional o saldo é a insistente (re)afirmação do fazer literário antropofágico, através da descontinuidade temporal” (Maciel; Teixeira, 2013, p. 146). Chega-se a uma síntese em que diferentes tempos se articulam, possibilitando a reinvenção das relações com o passado ou “uma interrupção da história para uma nova história” (Sterzi, 2011, p. 441). Nos dizeres do “Manifesto Antropófago”: “Contra a Memória, fonte dos costumes. A experiência pessoal renovada” (Andrade, 2011d, p. 73). O que percebemos é um “eu” que vive no presente e se projeta no futuro, ao decidir sobre a significação de seu passado.

Essa mesma construção que nos apresenta um homem combativo, apesar dos percalços e adversidades, se dá quando Oswald de Andrade (2002, p. 52, grifo nosso) narra sua relação com o ambiente escolar:

Dessa época, resta ainda a reminiscência da primeira escola. Aos seis ou sete anos, fui matriculado na Escola Modelo Caetano de Campos, no mesmo prédio de hoje, à Praça da República, sem o último andar que, sob os olhos dos Amigos da Cidade, estragou a harmonia arquitetônica do conjunto, edificado por um engenheiro italiano.

Tive como professoras D. Orminda da Fonseca, que chamávamos “perna fina e coxa seca” e que me dizem que ainda está viva, e mais D. Isabel Ribeiro, excelentes mestras. Depois passei por Seu Carvalho, que era um ateu danado. Tanto que deu origem a uma salvadora denúncia que levei imediatamente à minha mãe. Ele tivera a audácia de afirmar que Deus era a Natureza. Fui logo retirado daquele antro de perdição. O que eu detestava não era o apressado e teso spinozista Seu Carvalho. Eram os meninos que me chamavam de “curumiro”, porque eu denunciara um que por pouco não esmagava meu dedinho no portão de ferro. Era da ginástica que eu fugia, gordinho e refratário. Eram as solenidades e as festas agitadas e intermináveis, onde uma vez quiseram me obrigar a recitar um poema à professora, feito em meu nome por um poetastro do Nordeste que se hospedara em casa de minha tia e vivia espreguiçado numa cadeira de balanço. Eram os horários cheios que eu conseguia escapar com ânsias de vômito na saída matinal para a aula. – Oswaldinho está doente! Lá eu ia para cama em vez de para escola.

Mas alguma coisa ficou de imenso em minha alma de criança, daquele edifício limpo, branco, higienizado. Foi o canto dos alunos que me embriagava. As vozes claras cantavam confusamente a palavra liberdade. E diziam:

“Das lutas, na tempestade,

Abre as asas sobre nós”

Esse clarão presidiu até hoje toda minha vida. Como poucos, eu conheci as lutas e as tempestades. Como poucos, eu amei a palavra liberdade e por ela briguei.

De início, chama-nos mais uma vez a atenção o modo inteiriço como essa rememoração é estruturada. O homem que narra do presente, no intuito de conferir uma transparência referencial mais forte a essas lembranças, escolhendo uma técnica narrativa específica para compor uma melhor maneira de definir. A coesão e a clareza estrutural deixam tudo muito bem amarrado, transparecendo, a princípio, uma preocupação em conferir um molde convencional às suas memórias. O Oswald, que está em uma singular empreitada memorialística, recorre a essa infância de modo a apontar e recuperar traços que o marcam. Os dados empíricos por ele movimentados só ganham sentido a partir dos imperativos que impulsionam a sua escrita. Assim, nessa primeira parte, ele trabalha em um procedimento canônico das escritas de si, que consiste em relatar “como um outro que ele era tornou-se, de certa forma, ele mesmo” (Miranda, 2009, p. 31). O que vemos é uma criança que, inserida em determinado ambiente, demonstra ser dotada de uma capacidade de absorver, triturar e recompor o mundo à sua volta, trazendo para si uma força a partir de um mínimo oferecido – um devorador.

Apesar de parte do texto apresentar tal estrutura lógica, com o autor lançando mão dos procedimentos canônicos dessa prática de escrita, os fatos e as pessoas que nela comparecem não são expostos em um sistema frio de ordenação e observação, mas como “modos de sensibilidade” (Candido, 2002 p. 13). Em seu “Prefácio inútil”, Antonio Candido (2002, p. 13) nos explica:

Os que se ajustarem, de um modo ou outro, às leis de sua imaginação (que é sua integridade verdadeira) aparecem favoravelmente deformados com acesso ao grêmio de sua benevolência. Os que de qualquer jeito foram de encontro a elas são projetados segundo uma deformação correspondente e proporcional.

Tal característica já fica evidente em algumas passagens citadas anteriormente. Podemos trazer outra, no sentido de a ilustrarmos melhor. Oswald de Andrade (2002, p. 77-78, grifo nosso), mais uma vez, nos apresenta sua relação com o ambiente escolar:

*Fui, em 1903, matriculado no Ginásio de São Bento, onde passei a estudar todas as disciplinas entregues a professores civis, entre os quais figuravam o peralta Batista Pereira, genro de Rui Barbosa, e o dr. Afonso d' Escagnole Taunay Filho, filho de Visconde de Taunay, autor de **Inocência**, tão horripelzinhá e tão célebre [...]. No quarto ano, produziu-se a crise esperada. **Encontrei pela minha frente um professor teutônico, pré-nazista, de peito emproado, purista e autoritário**. Sua figura marcial invadira o ginásio e tomara assento em todas as posições. Era professor tanto de português como de alemão como de grego, de geografia ou matemática. Chamava-se Carlos Augusto Knupell e era um produto da Faculdade de Direito, de que fazia os mais elevados elogios. Para ele, ser bacharel pela escola do Largo do São Francisco traduzia um incalculável penhor de saber e caráter.*

A violência da entrada desse homem na vida docente do ginásio repercutiu mal em minha casa. Meu pai tivera uma questão judicial em que o “Doutor Kinipel” tinha sido patrono de seu adversário. Prevenção minha ou não, verifiquei que o homem me olhava duramente e mais duramente me tratava. Vi-me logo condenado a repetir o quarto ano, ameaça que ele fez abertamente em classe. Seria fato difícil a promoção de quem caísse no seu desagrado [...]. Diziam que era um

grande tomador de café e embirrava supinamente com a sujeira dos meus dedos e a desordem dos meus cabelos.

Percebem-se, claramente, a carga e os contornos dados à figura desse professor na forma da projeção de uma crítica à Faculdade de Direito, da qual Oswald sai bacharel e da qual nutria grande desprezo, considerada por ele como um “simples bastião colonial a transmitir às gerações dominantes o vírus do direito Justiniano, trazido para a livre América pela reação portuguesa” (Andrade, 2002, p. 129). Outra vez nos deparamos com o processo de afirmação de um pensamento tendo como matéria sua rememoração. O “Doutor Kinipel” simboliza, para o Oswald já idoso, justamente a sombra e o atraso que a escola do Largo do Francisco, “responsável pela legislação reacionária, pela chamada Filosofia do Direito” (Andrade, 2002, p. 113), “[...] com seus velhos alunos cretinos e sua tradição miserável” (Andrade, 2002, p. 91), anunciava para o Oswald menino.

Em suas memórias, Oswald de Andrade trabalha com deslocamentos e transfigurações nos mais variados aspectos: desde pessoas, personagens até fatos atingindo o próprio fazer da escrita. Trata-se de um livro feito “sob o signo da devoração” (Candido, 2002, p. 15) no qual as peças de sua trajetória são mexidas e remexidas, e, ao ganharem o texto, são antropofagizadas, convertendo-se em um trabalho que não se quer modelado nem modelizador e, de maneira contrastante e contradizente, constrói-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Duas décadas depois de a obra em questão ser publicada, em *Roland Barthes por Roland*, o pensador francês escrevia: “do passado, é minha infância que mais me fascina; somente ela, quando a olho, não me traz o pesar de um tempo abolido. Pois não é o irreversível que nela descubro, é o irredutível: tudo o que está em mim por acessos” (Barthes, 1975, p. 30). Nesse sentido, nosso autor encontra uma instância reveladora e produtora de um pensamento, recolhe-a e faz dela seu relato.

Assim, a infância que surge em *Um homem sem profissão* é recolhida, filtrada e ativada pela sensibilidade de um escritor plenamente consciente de seu empreendimento: pensar constantemente a antropofagia. Desse modo, o memorialismo oswaldiano escapa de um fechamento narrativo, adquirindo oxigenantes janelas, tornando-se aberto e diverso.

THE CHILDHOOD NARRATIVE IN *UM HOMEM SEM PROFISSÃO*

Abstract: This work aims to analyze the way Oswald de Andrade explores the so-called childhood narrative in *Um homem sem profissão*, published in 1954. We understand that the author makes use of this specific aspect of memoir writing to revisit the themes present in his essay writings. Initially, we make a global presentation of the memoirs and later point out the function and functioning of the childhood narrative written by the author. To our aid, we brought names like Philippe Lejeune (1986), Antonio Candido (2002) and Jovita Noronha (2003).

Keywords: Memories. Childhood narrative. Antropophagy. Oswald de Andrade. Memoir writing.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, O. de. *Os dentes do dragão*. São Paulo: Globo, 1990.
- ANDRADE, O. de. Do órfico e mais cogitações. In: ANDRADE, O. de. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 1992. p. 287-291.
- ANDRADE, O. de. *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Globo, 1999.
- ANDRADE, O. de. *Um homem sem profissão*. Memórias e confissões. Sob as ordens de mamãe. São Paulo: Globo, 2002.
- ANDRADE, O. de. A crise da filosofia messiânica. In: ANDRADE, O. de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011a. p. 138-215.
- ANDRADE, O. de. A marcha das utopias. In: ANDRADE, O. de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011b. p. 220-298.
- ANDRADE, O. de. Ainda o matriarcado. In: ANDRADE, O. de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011c. p. 304-310.
- ANDRADE, O. de. Manifesto Antropófago. In: ANDRADE, O. de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011d. p. 63-74.
- BARTHES, R. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- CANDIDO, A. Prefácio inútil. In: ANDRADE, O. de. *Um homem sem profissão*. Memórias e confissões. Sob as ordens de mamãe. São Paulo: Globo, 2002. p. 11-16.
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1995.
- LEJEUNE, P. *Moi aussi*. Paris: Seuil, 1986.
- LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico. In: NORONHA, J. M. G. (org.). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 13-47.
- MACIEL, S. D.; TEIXEIRA, S. A. A devoração do tempo em *Um homem sem profissão*: memórias e confissões, sob as ordens de mamãe, de Oswald de Andrade. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 139-152, jan./jun. 2013.
- MIRANDA, W. M. *Corpos escritos*. Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Edusp, 2009.
- NORONHA, J. M. G. *A autobiografia intelectual de Patrick Chamoiseau*. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2003.
- NORONHA, J. M. G. Notas sobre autobiografia e autoficção. In: NASCIF, R. M. A.; LAGE, V. L. C. (org.). *Literatura, crítica e cultura IV*. Interdisciplinaridade. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010. p. 241-254.
- NORONHA, J. M. G. Escritas de si e política: o relato de infância de Patrick Chamoiseau. In: FERREIRA, R. de S.; PEREIRA, T. M. S. (org.). *Literatura & política*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 49-63.
- ROUSSEAU, J.-J. *Les confessions*. Paris: Gallimard, 1972.
- SARTRE, J.-P. *Les mots*. Paris: Gallimard, 1964.
- SCHWARTZ, J. De símios e antropófagos. Os macacos de Lugones, Vallejo e Kafka. In: ROCHA, J. C. de C.; RUFFINELLI, J. (org.). *Antropofagia hoje?* Oswald de Andrade em cena. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 243-256.

STERZI, E. A dialética da devoração e devoração da dialética. *In*: ROCHA, J. C. de C.; RUFFINELLI, J. (org.). *Antropofagia hoje?* Oswald de Andrade em cena. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 437-453.